



Cifra-me ou te devoro

Dinah Kleve¹

Resumo

O texto trata do trabalho desenvolvido em oficinas de arte, junto a pacientes psicóticos, como forma de promover a possibilidade de uma escrita e de viabilizar alguma estabilização através da obra.

Palavras-chave: arte, escrita, obra, oficina, psicose.

Abstract

The text deals with the work developed at art workshops with psychotic patients in order to promote the possibility of a way of writing and to obtain a stabilization through the work.

Keywords: art, psychosis, workshop, work, writing.

Introdução

Foi recolhendo, recortando e recontextualizando, junto aos pacientes, o que era por eles produzido nas oficinas que ministrei em diferentes instituições psiquiátricas que dei início à minha formação em Psicanálise.

É, portanto, a partir de um breve apanhado desse trabalho, ainda em andamento, que pretendo pensar o seu uso possível por parte de sujeitos psicóticos, no trabalho de cifração da linguagem, driblando a impossibilidade de fazê-lo por meio do falo como significante regulador, a fim de não se deixar invadir pelo Outro.

No palco

Não é preciso que o ator derrube todas as barreiras que o cercam para poder se expressar, visto que é no próprio movimento de tentar derrubá-las que reside a sua expressão. A aposta na utilização do teatro no tratamento de portadores de transtornos mentais, portanto, é que estes possam se apropriar da linguagem teatral, utilizando suas regras e convenções, a fim de fazer com que aquilo que era antes estranho, incompreensível e sem lugar possa se transformar em poesia.

¹ Ex-aluna do ICP-RJ e integrante do Núcleo de pesquisa em psicose e saúde mental do ICP-RJ. Trabalha no CAPs Rubens Corrêa e no CAPs Maricá.



Trata-se aqui da possibilidade de desenvolver uma escrita que ultrapasse os limites daquela em sua faceta mais social, relacionada mais diretamente ao processo de alfabetização, “com gramática, sintaxe e alfabeto determinados, passível de ser ensinada” como diz Sergio Laia em seu artigo “*Para que serve a escrita?*”², e que surja como uma “invenção, marca de um acontecimento inaudito, singular e surpreendente”. Poderíamos associá-la à escrita dos nós borromeanos, se pensarmos em como Lacan abordou o trabalho de escritor realizado por Joyce para pensar o enodamento singular realizado por este sujeito dos registros Real, Simbólico e Imaginário que teria evitado o desencadeamento de sua suposta psicose.

Máscaras, sons, trechos de música, desenhos e até mesmo fragmentos de notícias ouvidas num passado remoto podem servir a essa produção de objetos, não a partir de um ideal, mas, de restos. Ao discutir um caso trabalhado em uma dessas oficinas, Marcus André Vieira ressaltou: “Esse objeto passa a representar alguma coisa que vale a pena para os outros e se encadeia com outros significantes, porque para os outros, esse objeto diz alguma coisa a respeito da Coisa, ainda que não tenha sido construído para isso.”³

O enquadramento proporcionado pelo palco, base em que os atores riscam sua escrita, define para muitos dos pacientes em questão uma verdadeira “zona de visibilidade”, onde podem, enfim, para usar as palavras de um deles, “se representar”. Espaço físico, mas também subjetivo, onde é o jogo composto pelas opções do que deixar ou não à vista do público que define a lógica com que se vai atraí-lo e conduzi-lo ao longo da performance.

A representação aqui se constitui, muitas vezes, de enunciações contagiantes de enunciados, contudo nem sempre muito fiéis aos textos originais que lhe serviram como base, fazendo lembrar o que Jacques Alain Miller nos diz a respeito da ironia do esquizofrênico que “não se defende do real através da linguagem porque para ele o simbólico é real”.

² Laia, Sérgio,. “Para que serve a escrita - Hipóteses de Trabalho”. Disponível em <http://www.ebp.org.br/biblioteca/Sergio_Laia_Para_que_serve_a_escrita.pdf>.

³ Maron, Glória; Vieira, Marcus André; Borsoi, Paula (org.), Caminhos de estabilização na psicose, Rio de Janeiro: ICP-RJ/Subversos, (2011, pg 111).



No papel

A campanha de determinado xarope, prometendo um prêmio para a melhor resposta a uma pergunta impressa em seu material de publicidade nos pôs a trabalho. As questões quanto ao que conferiria beleza e interesse a uma frase acabaram por nos conduzir pela via das características levantadas por Lacan da frase poética: “que vale ao mesmo tempo por seu tom, sua estrutura, seus trocadilhos, seus ritmos, sua sonoridade, portanto essencialmente em vários planos, e da ordem e do registro da linguagem.”.⁴

Também aqui evitei a busca por um sentido maior a ser transmitido, propondo ao grupo um trabalho mais braçal, numa tentativa de reduzir os significantes à sua dimensão de letra. Assim, recortamos palavras de poemas de autores já consagrados para novas colagens, selecionamos outras tantas das falas dos próprios pacientes que se assemelhassem por sua sonoridade e até criamos bancos de rimas com as quais demarcamos os pontos por onde deveriam passar os poemas a serem criados. Ativemo-nos a diferentes códigos, acabando assim por dilatar os significantes, utilizando-os de maneira extracotidiana. Vale ressaltar aqui que o efeito poético não resultou da expressão máxima da intenção dos autores ao produzir sua obra, mas da leitura da mesma por parte de terceiros. Como diria o mestre Fernando Pessoa, “Sentir? Sinta quem lê!”.⁵

A criação, inicialmente grupal e transcrita por mim, passou a ser individual e registrada na letra dos próprios pacientes, o que permitiu que se evidenciasse a gramática de cada um deles, trazendo também novamente à tona o fato de um deles “não saber ler, *nem* escrever”, enunciação que sempre me chamou a atenção para aquilo a que Jacques Alain Miller se refere em “O Escrito na Palavra” como “a defasagem entre o escutar e o ouvir, entre o escrever e o ler, (que) organiza para nós o lugar da interpretação analítica”.

O paciente dizia querer aprender a ler e escrever para, então, aprender inglês, parecendo buscar no domínio da leitura e da escrita algum domínio de uma língua que parecia lhe escapar. Empreendemos, então, um trabalho, onde a abordagem inicial foi a de tentar “juntar as letras”, a fim de que ele não mais apenas “só-letrasse”, para num segundo momento, reconhecendo que havia um gozo nesse modo de descompletar o Outro, investir na “separação”. Destacaram-se nessa fase

⁴ Lacan, Jacques. O Simbólico, o Imaginário e o Real. Conferência de 08 de julho de 1953 na Sociedade Francesa de Psicanálise. Disponível em <http://veredas.traco-freudiano.org/veredas-4/txt-lacan-rsi.doc>

⁵ Pessoa, Fernando. Em: Antologia Poética, RBA, 1996.



a atenção para os espaços entre as palavras, a descoberta do uso de números para designar os meses juntamente com o uso de barras para separá-los dos números referentes ao dia e ao ano e a manutenção de espaços vazios no lugar das letras que ele não conseguia encontrar para as palavras que desejava escrever.

Mantendo a ênfase no endereçamento da obra criada, como era o caso da apresentação de pequenos espetáculos, na Oficina de Teatro, a produção da Oficina da Palavra foi reunida em um pequeno livro, vendido nos eventos dos quais participavam os seus integrantes.⁶

Conclusão

Embora não se possa dizer que os participantes das oficinas aqui comentadas tenham desenvolvido a terceira e última escrita definida por Sérgio Laia como aquela que se produz em análise, onde “o falante experimenta o peso das palavras e se deixa afetar pelo que escuta, podendo, paradoxalmente se apreender como esse desvanecimento que lhe marca enquanto sujeito”⁷, é certo que a busca por um “bem dizer artístico” promovida por uma escuta advertida, ou talvez fosse melhor dizer leitura⁸, pôde promover alguma espécie de bem dizer em termos psicanalíticos, circunscrevendo algo do gozo que invadia esses sujeitos e ajudando-os a encadear seus significantes aos significantes do Outro.

Referências Bibliográficas

Kleve, Dinah (org.). Conjunto de Prosa, Poesia e Opiniões. Rio de Janeiro: Residência Assistida Israelita e Centro de Convivência Israelita do Rio de Janeiro/Gráfica J. Sholna, 2010.

Lacan, Jacques,. O Simbólico, o Imaginário e o Real, Conferência de 08 de julho de 1953 na Sociedade Francesa de Psicanálise. Disponível em <http://veredas.traco-freudiano.org/veredas-4/txt-lacan-rsi.doc>

_____, O seminário, livro 3: As Psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1956.

_____, O seminário, livro 23: O Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

⁶ Kleve, Dinah (org.), Conjunto de Prosa, Poesia e Opiniões. Rio de Janeiro: Residência Assistida Israelita e Centro de Convivência Israelita do Rio de Janeiro/Gráfica J. Sholna, 2010.

⁷ Laia, Sérgio,. ”Para que serve a escrita: Hipóteses de Trabalho”. Disponível em <http://www.ebp.org.br/biblioteca/Sergio_Laia_Para_que_serve_a_escrita.pdf>

⁸ “No campo da linguagem, sem dúvida, a psicanálise toma seu ponto de partida da função da palavra, mas ela a refere à escritura. Há uma distância entre falar e escrever, *speaking* and *writing*. É nesta distância que opera a psicanálise, é esta diferença que a psicanálise explora.”



_____, O seminário, livro 20: Mais, Ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

Laia, Sérgio, “Para que serve a escrita, Hipóteses de Trabalho”. Disponível em <http://www.ebp.org.br/biblioteca/Sergio_Laia_Para_que_serve_a_escrita.pdf>

Mandil, Ram, Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce, Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Contra Capa Livraria, 2003.

Maron, Glória; Vieira, Marcus André, Borsoi, Paula (org.), Caminhos de estabilização na psicose, Rio de Janeiro: ICP-RJ/Subversos, pg 111, 2011

Miller, Jacques-Alain,. A Clínica Irônica. In: *Matemas I*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, pg 190-200.

_____, O Escrito na Palavra. Em: *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Ecolia, v. 16, pg 94-102, ago. 1996.

_____, *Ler um sintoma*, texto proferido no Congresso da NLS, Londres, 2 e 3 de abril de 2011, distribuído por EBP-Veredas.

Pessoa, Fernando, Em: *Antologia Poética*, RBA, 1996.